

Reagan e a economia brasileira

EDWARD T. LAUNBERG

A aproximação do final do ano é momento propício para algumas previsões sobre o comportamento da economia brasileira em 1985. Naturalmente, além dos fatores internos, qualquer análise das perspectivas para o próximo ano deve levar em conta o que vem acontecendo com a economia americana, considerada a locomotiva do comércio internacional.

No entanto, é preciso ser objetivo. Até pouco antes da recente baixa da prime rate, por exemplo, fazia-se muito alarde sobre o efeito negativo do elevado nível dessa taxa sobre países altamente endividados como o Brasil, em razão do aumento do montante de recursos externos necessários ao serviço da dívida, cujos juros estão amarrados à prime rate.

Esta análise, contudo, peca pela simplicidade, pois não considera outros aspectos muito importantes. Não se pode esquecer que a própria elevação da taxa de juros nos EUA (apesar de influenciada pelo elevado déficit fiscal desse país) reflete o crescimento da demanda de crédito, estimulada pela vigorosa expansão da economia, que já dura sete trimestres. Este desempenho positivo, sem dúvida, tem possibilitado o rápido crescimento das exportações e superávits comerciais do País, que têm sido o fator preponderante da incipiente recuperação econômica interna.

Os Estados Unidos absorvem um terço de nossas exportações e são não só diretamente responsáveis por metade do superávit comercial brasileiro, como, ao impulsionarem o crescimento econômico do resto do mundo, respondem indiretamente pelo saldo positivo do Brasil com outras nações.

Na verdade, a boa performance das exportações brasileiras é a principal responsável pelo aumento de nossa produção e recuperação do nível de emprego, bem como pelo relativo desafogo nas contas externas, através da obtenção de créditos financeiros internacionais. A expansão das exportações é o único meio de pagarmos nossos compromissos externos e mantermos as linhas de crédito que asseguram nossa atividade econômica.

As autoridades econômicas americanas têm plena consciência desses fatores e, embora reconheçam a necessidade de reduzir seu déficit público, não querem fazê-lo de uma forma que possa interromper seu crescimento econômico. Uma das molas propulsoras desse crescimento, se não a mais importante, foi a alteração da política fiscal que, ao reduzir os impostos, promoveu uma expansão de investimentos que há muito tempo não se verificava na economia americana. Um aumento substancial desses impostos seria, provavelmente, a melhor forma de baixar rapidamente o déficit do Governo e a taxa de juros. Mas, nesse caso, o crescimento econômico seria in-

terrompido. A outra forma — redução drástica das despesas do Governo — não é viável, seja pela não aceitação pela sociedade americana de um corte nas despesas de cunho social ou por considerações de segurança nacional, que determinam o nível dos gastos militares.

Caso o Presidente Reagan seja reeleito, como parece provável, pode-se esperar a manutenção do crescimento econômico nos Estados Unidos (embora a taxas mais moderadas), que continuarão puxando as demais economias ocidentais e o comércio internacional.

Após o período eleitoral, o Governo americano adotará, de forma gradual, algumas medidas destinadas a reduzir o déficit público. Se esse objetivo for alcançado, haverá menos pressão sobre a taxa de juros, que poderá continuar o movimento descendente iniciado em outubro em função da menor taxa de crescimento da economia, verificada no terceiro trimestre deste ano e do afrouxamento da política monetária pelo Federal Reserve, viabilizado pelo comportamento moderado das taxas inflacionárias.

Em resumo, pode-se afirmar que as perspectivas para a economia brasileira, em 1985 e nos próximos anos, são bastante favoráveis, graças aos fatores externos.

EDWARD TADEUSZ LAUNBERG é Diretor-Presidente da Philco Rádio e Televisão Ltda